Proletários de todos os países, uni-vos!

A CLASSE OPERÁRIA

Órgão Central do Partido Comunista do Brasil

Nº 118 AGOSTO DE 1977 XIII

QUE OS FASCISTAS PAGUEM POR SEUS CRIMES

Os generais encontram-se em apuros. Após as inúmeras declarações de personalidades, parlamentares, juízes, industriais, bispos, artistas, jornalistas, homens de letras, líderes operários contra o regime de exceção, agora os próprios militares começam a soltar a língua. O coronel Passarinho referiu-se à necessidade de o governo passar aos civis; e o brigadeiro Grun Moss foi mais incisivo, ele quer que os militares voltem aos quartéis antes que seja tarde. Todos os oficiais reformados afinam pelo mesmo diapasão.

Até passado recente, os generais falavam em somente deixar o poder lá para o ano 2.000, quando o Brasil se tornasse grande potência e o perigo da revolução tivesse desaparecido com o pretenso enriquecimento da nação. Mas o quadro da situação brasileira foi ficando cada vez mais sombrio. A política antinacional e antipopular do sistema levou o país a um beco sem saída; dívidas imensas, crise , inflação, carestia, desnacionalização da economia, empobrecimento continuado de grandes massas da população; o descontentamento alastrou-se. Alguns generais passaram então a manifestar-se conformados com apenas ... dois ou três períodos mais de governo. Na atualidade, é o que se vê: aparecem aqueles que receiam a concretização do que asseverava o finado marechal Castelo Branco: "Entramos pela força, mantêmo-nos pela força e, se não soubermos retirar a tempo, sairemos pela força.

Esse receio não é infundado. O ódio das massas populares aos quadrados disciplinadores de caserna, serviçais do capital estrangeiro, cresce sem cessar. A farda verde-oliva torna-se para a maioria dos brasileiros o símbolo do fascismo. Nunca apareceu tão claro na história do Brasil o papel reacionário e impatriótico das Forças Armadas, algozes do povo, inimigos das liberdades. Elas são responsáveis diretas pelo assassínio de mais de trezentos lutadores da causa do povo, pela prisão e tortura de cerca de cem mil patriotas, pelo exílio forçado de inúmeros democratas, pela cassação de direitos políticos de cinco mil cidadãos, pelo fechamento de jornais e estações de rádio; pela proibição de centenas de canções, peças teatrais filmes, livros, artigos e comentários de imprensa; pela censura obscurantista; pelo descalabro do ensino e perseguição aos estudantes; pela entrega do petróleo e de outras riquezas nacionais aos imperialistas; pelo arrolhamento dos sindicatos e o arrocho salarial; pelo massacre de índios e camponeses, enfim, pelo arbítrio e pela calamitosa situação em que se acha o país.

Temendo a transformação desse ódio em rebeldia nacional,Passarinho,

Grun Moss e outros começam a dizer que é melhor deixar o barco antes que ele afunde todo. Alegam que o governo dos generais não deve continuar. Treze anos parece-lhes o bastante!. Daqui por diante, assinalam, o desgaste será sempre maior e inevitável. Preocupam-se pois com uma saída honrosa ... Esta deveria iniciar-se com o chamado congraçamento entre civis e militares, o esquecimento dos mal-entendidos, a superação dos preconceitos e animosidades.

Alguns líderes do MDB apressam-se em morder a isca. O povo brasileiro, no entanto, não está interessado nesse congraçamento, não deseja estender a mão aos assassinos e traidores dos interesses nacionais. Que os fascistas paguem por seus crimes!

As declarações em favor da entrega do poder aos civis é um sintoma da crise, irremediável que atravessa o sistema. Está cada vez mais difícil sustentá-lo. Se bem que os generais não se mostram dispostos a ceder - e não cederão jamais por vontade própria -, seu isolamento aumenta, e crescem as divergências em suas fileiras.

É hora de intensificar a luta para pôr abaixo o regime militar fascista. De exigir um governo provisório que convoque uma CONSTITUINTE livremente eleita. De reclamar a ABOLIÇÃO DE TODOS OS ATOS E LEIS DE EXCEÇÃO, e a ANISTIA GERAL. De abrir caminho para a CONQUISTA DA LIBERDADE POLÍTICA.

Sem luta enérgica e decidida, o povo brasileiro jamais conseguirá livrar-se da opressão e alcançar um regime efetivamente democrático. Mesmo quando os generais são obrigados a retirar-se de cena, se eles não estão completamente derrotados, continuam a exercer o controle do poder, a ser o sustentáculo de uma ordem injusta, oposta ao verdadeiro progresso da nação.

Basta de repressão sanguinária, de despotismo, de militarismo arrogante. Os destinos da Pátria devem estar nas mãos do povo, livre dos seus piores e mais odiados inimigos.

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A GUERRA IMPERIALISTA

A possibilidade do surgimento de uma terceira guerra mundial e o desenvolvimento do processo revolucionário, nas condições atuais e no caso de guerra, suscitam indagações em alguns setores do movimento popular e democrático do nosso país.

Este assunto abrange uma série de questões de princípio e entrosa-se com a luta contra o oportunismo e o socialchovinismo. Aqui trataremos de responder algumas indagações. Quanto mais se esclareça tal assunto, melhor será para clarificar a orientação da vanguarda proletária.

O Caráter da guerra e a posição dos marxistas-leninistas

A definição do caráter da guerra é problema primordial para o movimento revolucionário determinar sua posição frente a ela. Há guerras justas, progressistas, e guerras injustas, reacionárias. As que realizam os povos por sua independência nacional e por sua emancipação social ou em defesa do socialismo pertencem à primeira categoria. As que fazem os países imperialistas pertencem à segunda.

A guerra é fenômeno inevitável sob o sistema imperialista, seja localizada ou de âmbito mundial. Lênin o demonstrou cientificamente e a vida o tem comprovado. Duas décadas após a conflagração de 1914/18 tivemos a II Grande Guerra. Depois desta ocorreram muitas outras, embora restritas, nem por isso menos selvagens e sangrentas. Todas provocadas pelo imperialismo. O objetivo da guerra imperialista é a conquista de mercados e fontes de matérias-primas, de zonas de domínio e influência, assim como o extermínio do movimento revolucionário. Visa à redivisão do mundo em proveito de potências monopolistas.

Na atualidade prepara-se uma nova carnificina. Os Estados Unidos e a União Soviética são os seus principais fautores. A intensa corrida armamentista, a acirrada disputa por mercados, matérias primas e áreas de investimento em que se envolvem todos os países imperialistas, bem como a ânsia de hegemonia mundial que põe em confronto as duas superpotências, são fatores que podem conduzir à deflagração da guerra.

Que tipo de guerra será esta? Evidentemente, uma guerra injusta, porque as partes conflitantes - em primeiro lugar os Estados Unidos e a União Soviética - perseguem idênticos fins imperialistas. Ainda que Brezhnev use e abuse do nome de Lênin e fale em distensão e desarmamento, e que Carter se arvore em defensor dos direitos humanos, um e outro querem impor a hegemonia de seus países sobre o mundo, escravizando os povos. A ocupação da Checoslováquia veio revelar os intentos expansionistas dos novos czares. Desde 1968 as tropas soviéticas acampam naquele país para impedir que o proletariado e o povo checo tomem em suas mãos os destinos de sua Pátria. Não há argumento capaz de convencer de que o socialismo na Checoslováquia só se possa manter com a presença indefinida dos soldados russos. O caráter ofensivo das armas soviéticas, a multiplicação de sua frota de guerra, a instalação de bases militares em diferentes regiões do mundo indicam claramente a pretensão dos social-imperialistas. O mesmo sucede com referência aos Estados Unidos. Sua estratégia não deixa lugar a dúvidas, está voltada para o enfrentamento com a superpotência adversária. Sua atividade belicista tem em vista criar condições que lhes permitam o domínio mundial.

Ao tomar posição frente a semelhante contenda, os marxistas-leninistas têm presente o seu cunho inter-imperialista. Não distinguem diferenças de conteúdo entre um e outro dos blocos agressivos. Ambos objetivam à hegemonia, ao esmagamento do concorrente para impor sua dominação aos povos. Nesse sentido, o conflito em gestação apresenta características semelhantes às da I Grande Guerra. Formaram-se, então, dois blocos imperialistas, cada qual pugnando por interesses próprios, espoliadores, Lênin assinalava que "não correspondia aos socialistas ajudar a um bandido mais jovem e mais vigoroso (a Alemanha) a despojar a outros bandidos mais velhos e mais cevados. O que devem fazer os socialistas é aproveitar a luta entre os bandidos para derrubá-los" (A Guerra entre os Maiores Escravistas pela Manutenção e Fortalecimento da Escravidão).

Que ocorreria se o proletariado e as forças populares decidissem apoiar os Estados Unidos ou a União Soviética no conflito armado em preparação? Morreria talvez uma centena de milhão de pessoas, haveria terrível destruição de bens e valores úteis à sociedade. E o resultado não poderia ser outro: se vencesse a coligação agressiva comandada pela União Soviética, os povos de inúmeros países seriam subjugados pelo social-imperialismo russo, submetidos aos ditames da camarilha do Cremlin que, acenando com a falsa bandeira do socialismo, implantaria regimes escravizadores, fascistas; se, porém, vencesse o agrupamento dirigido pelos Estados Unidos, uma grande parte da Humanidade ver-se-ia esmagada pelo tacão do imperialismo ianque que, nessa guerra, reuniria as forças reacionárias e fascistas de todo o mundo para combater o comunismo, ainda que na URSS não exista nada que se pareça com o comunismo. Num ou noutro caso, venceriam as forças contra-revolucionárias, e os anseios de liberdade e de independência nacional, de revolução e de socialismo, sofreriam tremendo golpe.

Os marxistas-leninistas, tal como fez Lênin na I Guerra, opõem-se aos dois bandos, seja o dirigido pela União Soviética, seja o liderado pelos Estados Unidos Unidos. Combatem decididamente a um e a outro como inimigos jurados da Humanidade progressista. Não admitem a idéia de apoiar-se num deles para lutar contra o outro. Porque, se assim o fizessem, acabariam vítimas da sua falsa visão, cairiam fatalmente no social chovinismo. O interesse dos povos numa conflagração dessa espécie reside na sua transformação em guerra civil contra as forças da reação, do imperialismo e do social-imperialismo, pela vitória da revolução. É o que aconselhava Lênin quando da guerra de 1914/18: "A transformação da atual guerra imperialista em guerra civil - dizia ele - é a única palavra de ordem proletária justa, assinalada pela experiência da Comuna de Paris, indicada pela resolução de Basiléia (1912) e derivada de todas as condições da guerra imperialista entre países burgueses altamente desenvolvidos"(A Guerra e a Social-Democracia Russa).

Esta é a posição de princípios dos marxistas-leninistas.

Todavia, setores oportunistas do movimento operário insurgem-se contra tal posição. Vêem os Estados Unidos como um aliado provável na luta contra o social-imperialismo. E têm os países imperialistas da Europa e da Ásia como aliados seguros. Procurando confundir os povos e arrastá-los para o lado de uma das superpotências, invocam o exemplo de frente única da II Guerra. É sabido que se formaram, então, duas coligações e que o proletariado e as massas populares se juntaram a uma delas contra o Eixo Berlim-Roma-Tóquio. Aqui no entanto não se tratava de duas coligações imperialistas como no caso presente. A URSS era força dirigente de uma dessas coligações. A guerra assumiu aspectos diferentes da de 1914-18. Embora tivesse começado como um conflito inter-imperialista, na essência, o nazismo realizava uma luta de vida ou morte contra a União Soviética, pátria do socialismo. Desde que chegou ao poder investia selvagem e abertamente contra a liberdade e a revolução em todo o mundo. Dimitrov, no VII Congresso da Internacional Comunista, caracterizava o hitlerismo como a brigada de choque do capital financeiro mais reacionário. Além disso, a coligação que enfrentou Hitler formou-se depois do ataque da Alemanha à URSS. Apoiando a União Soviética, os povos cuidavam de defender o socialismo e o seu direito à liberdade. A URSS era o principal baluarte da revolução mundial. Nessa coligação entravam também os Estados Unidos, a Inglaterra e outros países. Eles perseguiam fins imperialistas, mas devido às circunstâncias a à luta de seus povos, viram-se obrigados a

levantar a bandeira antifascista. Assim mesmo, o imperialismo ianque tudo fez para ver se a União Soviética se enfraqueceria e esgotaria no combate com a Alemanha. Sabotou o quanto pôde a abertura da segunda frente na Europa e quando a abriu, já no fim da guerra, objetivava "salvar" os países europeus do comunismo. Apoiou Chiang-Kai-chek no conflito com o Japão, estimulando ao mesmo tempo suas ações pérfidas contra as forças revolucionárias chinesas. Dessa guerra, na qual a União Soviética foi a força decisiva para a vitória, resultou o crescimento do seu prestígio e a expansão da revolução no mundo. Surgiu todo um campo de países socialistas.

Hoje, embora os dois bandos envolvidos na preparação da guerra lutem contra a revolução, nenhum deles, particularmente, dirige o gume de seu ataque visando, por exemplo, a China Popular. Os Estados Unidos acercam-se desse país tentando neutralizar suas posições revolucionárias. Quanto ao social-imperialismo, os próprios camaradas chineses dizem que ele faz "barulho no Leste para atacar no Oeste", que seus planos orientam-se especialmente para a Europa, ponto de partida para alcançar a hegemonia mundial.

A situação atual é, pois, completamente distinta da que precedeu a II Guerra e configurou o seu desenvolvimento. Em essência, aproxima-se da que existiu na fase de 1914/18, conquanto haja diferenças sensíveis.

Iminência e fatalidade da guerra

Outra questão de particular interesse é a atitude a adotar tendo em vista a perspectiva do surgimento de um conflito mundial. É iminente ou inevitável a guerra?

Em período não muito afastado, certos círculos políticos de esquerda consideravam-na próxima e fatal. Em sua propaganda davam a impressão de que a qualquer instante a URSS jogaria seus tanques sobre a Europa, sua esquadra tomaria conta do Mediterrâneo e do mar Vermelho, deixando os Estados Unidos em situação indefensável. Passaram meses, alguns anos, a predição não se realizou. Agora esses mesmos círculos dizem que um dia, sem falta, haverá guerra. Por isso, os povos, desde já, teriam de atuar em função desse dia, buscar aliados, inclusive em um dos dois bandos imperialistas, cessar de certo modo a luta contra o inimigo interno, abster-se, enfim, de toda atividade não relacionada de imediato com a guerra. Essa posição não é correta, está em completo desacordo com a doutrina marxista-leninista.

A preparação de guerra não significa ainda seu desencadeamento imediato. Em 1928, Stálin sublinhava que as duas principais potências imperialistas da época - a Inglaterra e os Estados Unidos - orientavam-se para um confronto armado, o que refletia uma realidade objetiva. Tal, porém, não sucedeu. A situação evoluiu. Os Estados Unidos e a Inglaterra, uma dezena de anos mais tarde, aliaram-se para combater a Alemanha de Hitler. Em meados da década de 60, os Estados Unidos apoiados pela União Soviética, preparavam uma conflagração generalizada na Ásia, tendo como ponto de partida a invasão do Vietnã e como objetivo maior o esmagamento da China Popular. Tampouco essa guerra contra a nação mais populosa do mundo se realizou. A China manteve-se firme como retaguarda segura das forças revolucionárias vietnamitas. Os planos de ampliação do conflito fracassaram. Se bem que os povos tenham em grande consideração o perigo de uma guerra mundial, isto não quer dizer que a julguem iminente e menos ainda fatal.

Seria erro grave se os povos condicionassem seu trabalho e sua luta à expectativa do provável conflito imperialista. Sua atividade principal deve estar voltada para a luta por sua libertação do jugo do imperialismo e da reação embora mantenham vigilância constante sobre os planos imperialistas e denunciem seus intentos sinistros. A preocupação fundamental é a revolução.

A guerra não é um fenômeno desligado da atuação presente, espoliadora e rapace, do imperialismo e do social-imperialismo. Ela surge como consequência das disputas por áreas de domínio e no processo de realização dos objetivos traçados pelos belicistas. Que fazem hoje os Estados Unidos e a União Soviética? Será que se preparam apenas para a conflagração mundial quando, então, tentariam subjugar outras nações? Na realidade, ambos estão empenhados na tarefa de explorar e submeter povos e países. A toda parte estendem suas garras, usam diversos meios para tornar os mais fracos, vassalos das superpotências. Um e outro esforçam-se para aniquilar movimentos revolucionários e progressistas, para solapar a consciência de classe do proletariado, condições estas indispensáveis à efetivação de seus projetos escravizadores. Nesse mister apóiam-se na reação em cada país. Como poderiam, assim, os povos atuar unicamente em função da futura guerra imperialista? É lutando hoje decididamente contra o saqueio e a opressão imperialistas, contra a reação e o fascismo, pela revolução, que a classe operária e os povos oprimidos estarão em condições de enfrentar com vantagem o surgimento da guerra, se esta ocorrer. Sem dúvida, é necessário desmascarar os intentos belicistas das duas superpotências, seus propósitos hegemonistas. Mas este desmascaramento deverá contribuir para a intensificação da luta e para o esclarecimento das tarefas revolucionárias que incumbem às massas.

Os marxistas-leninistas não são fatalistas a respeito da guerra. É óbvio que enquanto existir o imperialismo a guerra será inevitável. Vivemos porém uma época em que a revolução também é inevitável. O fato de que a União Soviética regrediu e tornou-se social-imperialista não justifica que os revolucionários percam a perspectiva da vitória mundial do proletariado ou a considerem somente realizável em data muito distante. Tanto a guerra pode provocar a revolução, como esta pode impedir a guerra. Ainda que o movimento revolucionário esteja passando por uma situação difícil, com a traição do revisionismo e o aparecimento de novas formas de oportunismo, na realidade acumulam-se, em escala sem precedentes, fatores favoráveis à revolução. A situação da classe operária e das grandes massas populares agrava-se a cada dia. Nunca houve um número tão vasto de desempregados. A crise aprofunda-se. Constantes são os ataques às conquistas do proletariado e à liberdade. Os países dependentes e semi-coloniais tornam-se sempre mais dependentes, brutalmente espoliados pelo imperialismo e pelo social-imperialismo. A ameaça de guerra é mais um elemento a acirrar o ódio ao sistema capitalista-imperialista. Em tais condições, é possível o surgimento de grandes lutas (que são freadas pelos revisionistas e oportunistas), a transformação dos partidos marxistas-leninistas em poderosas organizações de vanguarda (que são sabotadas pelos revisionistas e hostilizadas pelos oportunistas), a eclosão de extensa crise revolucionária. Os povos almejam a revolução. Se esta tendência se fortalece e desfere golpes potentes no imperialismo e seus aliados, destruindo-o ou enfraquecendo-o seriamente, então a guerra poderá ser evitada. A União Soviética é frágil por dentro. Seu regime social-imperialista pode ser destroçado pelo proletariado que fez vitoriosamente a primeira revolução socialista. A farsa leninista encenada por Brezhnev e companhia terá um epílogo vergonhoso.

Nós, comunistas brasileiros, somos conscientes do significado que poderia ter a vitória da revolução num país como o Brasil. Seria um duro golpe no imperialismo e no social-imperialismo, contribuiria enormemente para contrariar os planos guerreiros das superpotências. Por isso lutamos contra a reação e o fascismo, contra o domínio de nosso país pelo capital financeiro internacional, em especial o norte-americano. Jamais abdicaremos da luta irreconciliável contra a ditadura militar-fascista, pela libertação nacional e social de nosso povo. De sua parte, o inimigo interno tampouco cede no combate ao movimento popular e democrático. Ajudado pelo imperialismo, não apenas ataca ferozmente as forças patrióticas e revolucionárias. Prepara-se ativamente para esmagar quaisquer tentativas libertadoras de nossa gente. Toda a estrutura das Forças Armadas, seu treinamento, seus petrechos, sua estratégia visam fundamentalmente a guerra contra o povo, do que aliás não fazem segredo. Temos clara noção das dificuldades, mas não duvidamos de que persistindo no caminho revolucionário acabaremos conquistando êxitos. Se surgir a guerra, nosso dever é orientar o descontentamento por ela criado, que se somará ao já existente, para levantar a classe operária, os camponeses, os patriotas e democratas em luta radical pela derrubada do governo reacionário e pró-imperialista e pela instauração da democracia popular no Brasil.

Aceitar de maneira fatalista a inevitabilidade da guerra em preparação pelas duas superpotências e trabalhar com essa visão estreita é descrer da viabilidade da revolução, renunciar à luta por sua concretização e por sua vitória. Isto não é próprio de revolucionários proletários.

A deflagração da guerra é sempre uma possibilidade real no sistema imperialista. Os pacifistas burgueses acreditam poder evitá-la pregando a defesa da paz; enganam-se porque ela decorre da natureza mesma do capitalismo. Os que a julgam uma fatalidade vêem o imperialismo como algo todo-poderoso, cujos propósitos não podem ser contestados; desconhecem, na prática, as contradições fundamentais de nossa época, que se aguçam e terão como consequência a liquidação desse sistema. Os revolucionários opõem à guerra imperialista a revolução, o socialismo ao imperialismo. Lutam para destruir as fontes de onde emana o belicismo agressivo e crêem perfeitamente possível alcançar esse objetivo. Se a luta dos povos por sua emancipação nacional e social adquirir vastas proporções, a guerra e o imperialismo serão varridos definitivamente da face da Terra.

MAIOR INICIATIVA POLÍTICA E REVOLUCIONÁRIA

O PC do Brasil, combatente destemido em defesa da liberdade e contra a ditadura, desde há algum tempo vem orientando seus dirigentes e militantes no sentido de centrarem sua atenção e seus esforços visando ao atendimento de três diretivas partidárias que expressam reais exigências do momento:

Primeira - Tomar maior iniciativa política na aplicação da linha revolucionária do Partido e das tarefas dela decorrentes. No momento atual não é fácil nem simples fazer chegar de forma regular a todo o conjunto partidário as orientações diretas das instâncias superiores do Partido. Em

face desta realidade é preciso seguir com a máxima atenção as indicações revolucionárias da direção central do Partido transmitidas pelas colunas de A CLASSE OPERÁRIA, nosso agitador, propagandista e organizador coletivo. Mensalmente temos aí o guia seguro para desenvolvermos nossa atividade em todos os campos da luta de classes. Com base nas indicações de A CLASSE OPERÁRIA podem ser tomadas as decisões práticas que se fizerem necessárias, não havendo motivos para se temer assumir responsabilidades por essas decisões. O essencial é não cair na passividade nem ficar na expectativa dos acontecimentos. A condição de comunista impõe e a situação nacional exige que tomemos o máximo de iniciativa política.

Segunda - Estreitar ainda mais nossas ligações com as massas a fim de termos melhores condições de esclarecê-las politicamente, despertá-las para a luta e dirigi-las nos seus protestos e ações. Tal ligação demanda conhecer muito bem suas aspirações mais sentidas, e acompanhar atentamente sua disposição de luta. Somente na luta e através de sua própria experiência as massas irão se convencendo da justeza das posições revolucionárias do nosso Partido. É nosso dever incutir nas massas a confiança nas suas próprias forças a fim de que lutem com maior vigor por seus interesses vitais e contra a ditadura fascista.

Terceira - Aumentar mais e mais nossa vigilância revolucionária no trabalho clandestino e na sua hábil combinação com a atividade legal e de massas. Se a situação nacional reclama de nosso Partido maior combatividade e dos comunistas maior iniciativa política, isto exige ao mesmo tempo cuidados especiais tendo em vista preservar nossa organização clandestina dos golpes traiçoeiros do aparelho militar-policial da repressão. Não se deve permitir qualquer tipo de facilidade. Nada de ilusões. Quanto maior for nossa vigilância proletária, maior será também a margem de segurança para o desenvolvimento de nosso trabalho legal.

Essas três diretivas partidárias, na atual situação do Brasil e nas condições de rigorosa clandestinidade em que nosso Partido se vê obrigado a atuar, assumem importância extraordinária. Torna-se fundamental que todo comunista se esforce para realizá-las devidamente. É inadmissível qualquer subestimação a esse respeito. De seu cabal cumprimento depende o melhor desenvolvimento da atividade revolucionária de todo o coletivo partidário.

Em quaisquer circunstâncias é preciso encontrar o melhor meio e forma de aplicar com justeza a linha revolucionária do Partido e as tarefas por ela indicadas. É indispensável ter a firme disposição, a valentia de as levar à prática com persistência, habilidade e flexibilidade, sem temer as dificuldades. Os militantes e dirigentes tudo devem fazer para servir aos interesses do Partido e da classe operária. É no fogo da luta de classes e nos combates pela derrubada da ditadura que seu espírito revolucionário adquirirá maior vigor. Os comunistas temperam-se e são invencíveis nas lutas políticas e revolucionárias de massa.

O PC DO JAPÃO (DE ESQUERDA) SOBRE A SITUAÇÃO ATUAL

Trecho da mensagem enviada pela classe operária japonesa e pelo Partido Comunista do Japão (de esquerda) ao VIII Congresso das Uniões Profissionais da Albânia.

A heróica classe operária albanesa, como força dirigente da sociedade, fez grande contribuição à transformação da Albania pobre e atrasada num poderoso Estado socialista com indústria moderna e agricultura coletivizada, com educação, cultura e arte desenvolvidas e com grande capacidade defensiva, elevando a um alto nível o espírito de apoio nas próprias forças e de luta tenaz e abnegada.

O Partido do Trabalho da Albânia e a classe operária albanesa, como gloriosa vanguarda do proletariado mundial, enfrentaram e desbarataram com indomável espírito revolucionário os ferozes ataques do revisionismo contemporâneo, encabeçado por Kruschov, e as pressões das forças imperialistas internacionais, dando assim ao proletariado de todo o mundo um grande exemplo de luta antiimperialista e anti-revisionista.

O proletariado internacional orgulha-se do Partido do Trabalho da Albânia e da classe operária albanesa. (...)

Intensificam-se cada vez mais as lutas dos países socialistas, do proletariado internacional e dos povos e nações oprimidos contra o imperialismo, o social-imperialismo e a reação nos diversos países.

O proletariado e os povos dos países capitalistas e revisionistas estão desenvolvendo a luta contra as classes dominantes de seus próprios países, vinculando estreitamente esta luta com a luta contra a política hegemônica e agressiva das duas superpotências, os Estados Unidos e a União Soviética, e nessas lutas fortalecem seus vínculos com o marxismo-leninismo.

Os povos dos países da Ásia, África e América Latina estão elevando o nível de sua luta pela conquista e consolidação de sua independência política e econômica, opondo-se à política colonialista e neocolonialista seguida pelo imperialismo norte-americano, o social-imperialismo soviético e as demais potências imperialistas.

A Albânia e outros países socialistas estão levando adiante a causa da revolução e da construção socialista e apoiando decididamente as lutas revolucionárias e de libertação dos povos dos diversos países. (...)

O informe apresentado pelo camarada Enver Hodja ao VII Congresso do Partido do Trabalho da Albânia é uma grande fonte de inspiração para os partidos e as organizações marxistas-leninistas de todo o mundo, para o proletariado mundial e os povos revolucionários. Faz uma analise profunda da situação internacional, revela a catadura agressiva das duas superpotências - os Estados Unidos e a União Soviética -, desmascara os pontos de vista do revisionismo contemporâneo e todo o tipo de oportunismo e indica

o caminho do futuro aos socialistas, ao proletariado internacional e aos povos e nações oprimidos. Abre igualmente um novo caminho para a unidade dos autênticos partidos marxistas-leninistas do mundo, assim como para o movimento comunista internacional.

Somente a sólida unidade dos partidos marxistas-leninistas baseada no marxismo-leninismo constitui a garantia de que o proletariado internacional marchará estreitamente unido pelo vitorioso caminho em escala mundial.

O Partido Comunista do Japão (de esquerda) divulgou amplamente o informe do camarada Enver Hodja. Este informe constitui uma arma muito importante, teórica, para a luta de classe operária e do povo revolucionário japonês contra o imperialismo norte-americano e o capital monopolista japonês, o qual depende desse imperialismo, assim como para desenvolver simultaneamente a luta contra o hegemonismo do social-imperialismo soviético. Assesta golpes diretos sobre todas as correntes oportunistas que se ajoelham diante do imperialismo ianque e da burguesia monopolista do Japão e desalentam a luta revolucionária do povo japonês, pretendendo, nestes ultimos tempos, que "o inimigo principal do povo japonês é a União Soviética" e que "o tratado de segurança nipo-norte-americano é útil ao povo do Japão". (...)

A classe operária do Japão conta com quase vinte milhões de pessoas, representando cerca da metade de todas as massas trabalhadoras. É a classe dirigente e a força principal da revolução japonesa.

A situação no Japão determina que a revolução japonesa, em sua primeira fase, seja democrático-popular, tendo como objetivo a derrubada da dominação do imperialismo norte-americano e do capital monopolista japonês e a construção de um Japão independente, democrático, pacífico e próspero. Depois dessa fase, passará ininterruptamente à fase da revolução socialista. A revolução japonesa é proletária por sua forma principal de luta, que é a greve geral política de todo o povo com a classe operária à frente e a insurreição armada.

Na luta da classe operária que se desenrolou na primavera deste ano, o Partido e os operários progressistas organizaram a luta de classes em muitos centros de produção nas diversas regiões do país, desbaratando os esforços da aristocracia obreira tendentes a sabotar a luta dos operários. Esta luta, organizada pelo Partido e os trabalhadores progressistas, demonstra o caminho revolucionário do desenvolvimento do movimento operário no Japão e está chamando a atenção de amplas massas proletárias.

Na atualidade, a principal tarefa para a libertação do povo japones é a luta contra o imperialismo norte-americano, contra o "Tratado de Segurança Nipo-norte-americano", contra o renascimento do militarismo japonês e o reforçamento da aliança militar entre os Estados Unidos, o Japão e a Coréia do Sul, contra a transformação da estrutura industrial do país. O povo japonês desmascara igualmente as manobras do social-imperialismo revisionista soviético com relação ao Japão e desenvolve a luta pela restituição imediata do território setentrional do Japão e contra sua proposta para a "segurança asiática", enlaçando esta luta com a tarefa principal. Estas são tarefas internacionais do proletariado japonês.

Não resta dúvida que o Partido Comunista do Japão (de esquerda) e

a classe operária realizarão com êxito estas tarefas e levarão adiante a causa da revolução japonêsa.

O proletariado japonês e o proletariado albanês são irmãos de classe e estão estreitamente unidos pelo marxismo-leninismo e o internacionalismo proletário. Todas as vitórias conquistadas pela classe operária da Albânia inspiram imensamente a classe operária japonêsa, que considera tais vitórias como suas, e lhe dão maior alento para levar ao triunfo a revolução japonêsa. (...)

Unamo-nos fortemente, o proletariado japonês e o proletariado albanês, lutemos juntos pelo triunfo mundial do socialismo e da democracia popular, pela libertação nacional e o progresso social!

OUÇA DIARIAMENTE EM PORTUGUÊS

Rádio Tirana   Das 20 às 21 horas e das 22 às 23 horas - Ondas de 31 e 42 M

Rádio Pequim   Das 19 às 20 horas e das 21 às 22 horas - Ondas de 19,25 e 42 M

O PARÁ SOB O DOMÍNIO DA REAÇÃO E DO IMPERIALISMO

O Estado do Pará vem se transformando a passos largos no paraíso dos latifundiários e grandes grupos econômicos (nacionais e estrangeiros) e no inferno da imensa massa de camponeses, posseiros, peões e dos trabalhadores em geral. A cidade de Belém, o maior centro urbano da Amazônia, é hoje circundada por extensos cordões de miséria. O quadro da situação do Estado retrata bem a verdadeira fisionomia política de ocupação da Amazônia, amplamente propalada pelo regime militar-fascista.

Paraíso dos tubarões, inferno para o povo

Situado na Amazônia Brasileira, o Pará é um dos núcleos principais da chamada política de ocupação desta região. Aqui, essa política encontra-se num estágio mais avançado, no conjunto da Amazônia, razão por que se avolumam as contradições, fazendo surgir inúmeras lutas que atingem o nível de ações armadas. Tal situação estimula uma compreensão cada vez mais nítida nas amplas massas populares sobre a seguinte questão: quem vem ganhando, e ganhando muito, com a ocupação da Amazônia? O povo respon a essa questão de maneira sintética e incisiva: "No Pará, terra pro tubarão e vida braba pra quem trabalha". Os fatos demonstram ser justa a conclusão popular.

Três acontecimentos, verificados no mês passado, indicam resumidamente a favor de quem e contra quem vem sendo realizada a ocupação desta parte da Amazônia. O primeiro refere-se ao emprego de brutal violência por dois latifundiários contra posseiros indefesos, numa frente de construção da estrada Belém-Marabá; o segundo relaciona-se com a insolência do multimilionário norte-americano Daniel Ludwig; o terceiro diz respeito ao tipo de atuação que a Funai (Fundação Nacional do Índio) vem realizando com os Índios Araras. Esses acontecimentos não são isolados, encadeiam-se no vasto desenrolar de fatos iguais, constantes e em aumento.

O primeiro desses acontecimentos teve lugar no sudeste do Estado. Com a abertura de estradas, começa um processo habitual, decorrente da valorização das terras. Incontinente, aparecem grileiros e agentes de poderosos grupos econômicos, servindo-se da coação e da força bruta a fim de expulsarem os posseiros já estabelecidos nessas terras. O Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), o Iterpa (Instituto de Terras do Pará), o Exército e a Polícia Militar Estadual mobilizam-se para ajudar os tubarões invasores. Os posseiros reagem, algumas vezes de armas nas mãos. Entre uma série de conflitos aparecidos agora na abertura da rodovia Belém-Marabá, que se estende até o norte do Mato Grosso, um deles repercute intensamente em todo o Estado. No município de Acará, num lugar próximo da fazenda "Ponto Alto", um contingente da PM comandado por um tenente juntou-se a uma centena de pistoleiros para expulsar mais de duzentos posseiros, situados em glebas próximas à nova estrada. Aí chegando, investiram sobre os lavradores aplicando-lhes surras, batendo-lhes com a coronha do fuzil, seviciando-os e, em seguida, amarrando-os com cordas de fibra. Todas as casas e roças foram queimadas, as cercas derrubadas, e mais de cento e cinquenta posseiros presos e transportados amarrados, em caminhão, até a sede da fazenda "Ponto Alto". Dois latifundiários, Pedro Miranda de Oliveira e Osvaldo Miranda da Cruz, que se dizem donos das terras fizeram a triagem dos prisioneiros, apontando os líderes e enviando-os à Delegacia Policial do município. Os demais, após ameaça de prisão e espancamento, foram atirados em lugares distantes. Para realizar ação tão covarde e criminosa, os latifundiários contaram com uma autorização fornecida pelo Iterpa, na qual indicava-se o deslocamento de um pelotão policial para a zona dos posseiros. Este foi transportado de Belém ao Acará em cinco aviões particulares, fretados pelos latifundiários-grileiros. Diante da indignação geral que o fato suscitou e da mobilização de inúmeros lavradores dessa região, veio à lume o suborno do Iterpa e da Polícia Militar pelos interessados na expulsão dos posseiros. O caso ainda não está encerrado. Os posseiros reagrupam-se para defender suas glebas com o apoio da população local.

O segundo acontecimento elucida mais um quadro real da situação do Pará. O gringo Daniel Ludwig, "proprietário" da maior área latifundiária do mundo - cerca de dois milhões de hectares - encravado no norte do Estado, não respeita as leis brasileiras. Recentemente, despediu quase mil peões que trabalhavam no serviço de desmatamento, contratando outros sob condições de trabalho ainda mais iníquas. Agora, proibiu terminantemente que os trabalhadores da Jari Florestal e Agropecuária se associem às organizações sindicais. A diretoria do Sindicato dos Estivadores do Pará vem exigindo desde há muito, a instalação de uma agência do Sindicato no Porto da Jari. Encaminhou o caso ao governo estadual e à Delegacia do Trabalho Marítimo, os quais, cinicamente, affirmaram que "a Jari é um terreno particular e assunto difícil de se enquadrar na legislação brasileira". Em linguagem clara isto quer dizer que a Jari é território norte-americano, onde

a legislação trabalhista não tem validade. Segundo declaração do presidente do Sindicato dos Estivadores, o impedimento da Sindicalização dos trabalhadores do porto da Jari - são muitas as embarcações e grande número de estivadores - evitará que eles obtenham direitos assegurados na CLT, inclusive a aposentadoria após 25 anos de serviço. Além disso, o Sindicato fica sem qualquer possibilidade de controle quanto às condições de trabalho.

O terceiro acontecimento refere-se a outra face importante da propalada ocupação amazônica. Trata-se dos índios. Estes, que foram quase dizimados pelos colonizadores, vêm sendo hoje em dia subjugados por novas formas de extermínio. No Estado do Pará inúmeras tribos indígenas já foram liquidadas e outras vivem atualmente em condições de completa indigência, em fase de extinção, como é o caso dos índios Canelas e, em parte, dos Gaviões e Suruís. A ânsia crescente dos grandes grupos econômicos e dos latifundiários de apossar-se de terras provoca a expulsão dos índios aí localizados há dezenas de anos e até séculos. Os indígenas, por se encontrarem num nível de desenvolvimento muito atrasado, não servem de imediato como mão-de-obra para as companhias invasoras, razão por que são empurrados para distante. As companhias exigem que sejam apressados os trabalhos de atração e deslocamento das tribos remanescentes; o contato com o índio passa a ser feito, na maioria das vezes, através do uso da violência, acontecendo choques frequentes e a posterior desintegração da tribo. Neste momento, o trabalho que vem sendo executado na "atração" dos Araras demonstra bem a verdadeira situação dos habitantes indígenas do Estado. Os Araras, que provavelmente fazem parte do grupo Karibaruac (os grupos mais comuns no Pará são o Tupi e o Gê) constituem um dos últimos grupos indígenas arredios do interior. Aldeados em uma área de mata profunda, entre os quilometros cem e cento e quinze da rodovia Transamazônica, eles resistem cada vez mais ao contato com os brancos em decorrência das sucessivas invasões de suas terras. Já ocorreram vários choques, com a morte de dezenas de índios e de alguns invasores. Diante desse quadro e diante da pressão dos latifundiários da região, a Funai tomou a decisão de apressar o trabalho de atração dos Araras, medida que somente fará agravar a situação criada. No nível em que a situação chegou, as baixas entre os índios vão aumentar e dificilmente será alcançada a preservação e reintegração dessa tribo. Não há muito aconteceu coisa semelhante com os índios waimiris-atroaris e bororos.

Todos esses fatos, que não são únicos, compõem a fisionomia atual do Estado do Pará. São provas contundentes da política antipopular, antidemocrática, genocida e entreguista dos generais. As imensas riquezas deste vasto Estado estão sendo saqueadas por grandes grupos estrangeiros e nacionais com o estímulo e a proteção do governo, em detrimento daqueles que são os verdadeiros donos e necessitados dessas riquezas. Em verdade, o Pará torna-se o paraíso de um punhado de tubarões e o inferno da imensa massa de trabalhadores.

Resistência por toda a parte

Essa política criminosa do governo e a ação de grileiros, latifundiários e grupos econômicos poderosos encontram resistência por toda a parte.

O sul do Pará, a leste e a oeste, tem sido cenário de inúmeras e intensas lutas dos lavradores em defesa de suas terras. Foi lá, na parte banhada pelo rio Araguaia, que teve lugar a intrépida resistência armada dos moradores da região, que enfrentaram em heróicas campanhas numerosas forças da reação. Na PA-70 (estrada que liga Marabá à rodovia Belém-Brasília)

têm sido incontáveis as arbitrariedades contra posseiros e todo o povo pobre da zona. Próximo de Vila Rondon, mais de cinco mil famílias de posseiros foram submetidas a diversas formas de perseguição e brutalidade por parte de um coronel reformado da Força Aérea norte-americana que se apossou de imensa área na PA-70. A tensão culminou com a corajosa ação armada dos posseiros: o latifundiário ianque e seus dois filhos foram eliminados. Após esse fato, desenfreada repressão policial-militar se abateu sobre os posseiros e o povo de Vila Rondon. Muitos tiveram que se embrenhar na mata para se defender. Em Água Branca, cortada pela referida estrada, duzentas famílias camponesas vêm resistindo com bravura às pressões e violências policiais. Muitos posseiros chegaram a ser despejados de seus lotes pela Polícia Militar. Eles porém se reorganizaram e retomaram suas terras. A PM retornou e novamente os desalojou. Outra vez os posseiros voltaram a ocupar o lugar onde viviam. A luta não findou ainda. No povoado da Palestina mais de trezentos colonos aí radicados há nove anos resistem às ameaças de grileiros. No ano passado, oitenta homens armados usando moto-serras iniciaram a derrubada de vasta extensão de mata pertencente aos colonos. Estes, com destemor, conseguiram enxotar temporariamente os grileiros e seus contratados. Na Colônia Urain, onde desde 1965 duzentas famílias de colonos começaram a lavrar a terra, organiza-se também a resistência às ameaças de um latifundiário que chegou a mandar matar um funcionário da prefeitura do município em que se encontra a colônia por defender o direito dos posseiros. Na Vila Abel de Figueiredo, no município de São João do Araguaia, na área que dista cem quilômetros da rodovia, os posseiros enfrentaram os grileiros que a partir de 1974 começaram a agir, fechando a única via de escoamento da produção, desmatando, demarcando glebas ilegalmente, com a ajuda da polícia estadual. Os posseiros reabriram à força a estrada e demarcaram suas terras. O conflito continua. Numa área que está a oitenta quilômetros da PA-70, dentro do município de Jacundá, arrasta-se há vários anos uma ação de grileiros contra cem famílias de posseiros ali instalados e que se mostram dispostos a não ceder seus direitos. Na área do quilômetro 20, próximo a Marabá, e nos lotes do quilômetro 51, a luta dos posseiros prossegue. Os lavradores residentes na Palestina, Santa Rita, Brejo Grande, São Domingos, São José, Açaizal e São João do Araguaia enviaram um abaixo-assinado, subscrito por 1.310 posseiros, às autoridades estaduais denunciando a verdadeira situação a que estão submetidos por grileiros e latifundiários. No fim do ano passado, a Contag (Confederação Nacional de Trabalhadores Agrícolas), em sua revista "O Trabalhador Rural", referia-se à situação dos posseiros da PA-70, afirmando: "A justiça, ao aceitar títulos notoriamente falsos e ao conceder liminar de manutenção e reintegração de posse aos grileiros com claros objetivos de especulação, deixa ao relento centenas de famílias".

Mais de 95% dos que vivem de salário no Pará atravessam regime de fome. Os salários estão entre os mais baixos do país. No interior do Estado, os patrões não respeitam no mínimo que seja a legislação trabalhista. O peão, o diarista, o empregado, não têm direito a férias, a indenizações por dispensa, ao 13º salário, à previdência social, etc. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Melgaço, Altamira, Alenquer, e outros, encaminharam à Contag inúmeros documentos em que denunciam as absurdas injustiças que vêm sofrendo os trabalhadores rurais da região. Entre os vários dados revelados, os sindicatos afirmam que "a necessidade de lutar pela sobrevivência faz com que muitos trabalhadores se sujeitem a condições de trabalho das mais injustas". Dizem ainda: "Frequentemente, inúmeras famílias com 10, 15 e até 20 anos de trabalho na terra são despedidas sem que recebam pelo menos a indenização a que têm direito". Quadro ainda mais chocan

te é o da situação dos trabalhadores na parte da produção extrativista ou dos peões das zonas mais recônditas do Estado, todos eles tratados como animais, submetidos a verdadeiro regime de trabalho escravo.

Assim, de diferentes maneiras, desde o abaixo-assinado e as reclamações sindicais até a resistência organizada e a luta armada, o povo pobre do interior do Pará enfrenta a violência e a prepotência dos grileiros, latifundiários, empresas agro-pecuárias, e as ações conjugadas das autoridades estaduais e federais. Defendem seus direitos e compreendem cada vez melhor que a solução de seus problemas depende fundamentalmente da sua própria luta em nível sempre mais elevado. Essa luta está ligada com a dos trabalhadores das cidades, com o movimento democrático e patriótico, pela derrubada da ditadura militar-fascista e pela instauração de um novo regime no país.

Grave a Situação de Belém

A ocupação de terras no Pará, realizada em favor dos potentes grupos econômicos e dos latifundiários, em prejuízo da grande massa de trabalhadores e migrantes, reflete-se em cheio sobre os centros urbanos. Dois fatores agem no sentido da "inchação" e da degradação social das cidades: primeiro, a expulsão dos posseiros e colonos de suas glebas, ao lado de crescente avanço do latifúndio dedicado à pecuária extensiva, provocam o deslocamento de crescentes contingentes da população para as cidades; segundo, a diminuição acentuada do salário medio real em contrapartida com a enorme concentração do capital e das terras também empurra os habitantes do interior para os centros urbanos. Completa esse quadro o nível incipiente e atrasado da industrialização dessas cidades e as precaríssimas condições sanitárias, educacionais, habitacionais, etc. As cidades pequenas não reunem as mínimas condições de infra-estrutura, sobretudo as nascidas recentemente; nas grandes cidades, como Belém, e nas médias, como Santarém, Castanhal, Altamira, etc., os múltiplos problemas sócio-econômicos agravam-se ao extremo. O caso mais típico é o de Belém.

Esta cidade é, em todos os aspectos, o maior centro urbano da Amazônia, sua população aproxima-se de oitocentas mil pessoas. Semelhante a todos os grandes centros urbanos do Brasil, em Belém são ainda mais duras e difíceis as condições de vida e de trabalho. Fundada no início do século XVII, situou-se em reduzido terreno seco. Seu crescimento alargou-a pelas áreas alagadas. Por isso, a parte central mais antiga da cidade encontra-se em terreno firme, sendo entretanto constituída de quase 70% de prédios públicos e comerciais. O grosso da parte residencial, e sobretudo os setores mais densamente habitados, estão localizados sobre areas de charco ou pantanosas. Aí erguem-se casas de madeirax e pau-a-pique, verdadeiras palafitas subumanas, alinhadas em "vilas" (ruelas de um ou dois metros de largura, sem esgoto ou agua encanada), formando um extenso cordão de miséria em torno da cidade. Em 1968, a estimativa oficial das moradias subumanas de Belém era superior a 20%; agora atinge aproximadamente 38% das habitações. A construção de casas populares é muito insuficiente e arrasta-se por anos e anos seguidos. Essas condições de habitação, sem o mínimo de higiene necessária, têm provocado uma incidência generalizada de verminose. A mortalidade infantil alcança os maiores indices do país. Doenças como a filariose, tifo e tuberculose grassam em grande parte a população. Até mesmo a varíola não foi erradicada.

O desenvolvimento industrial de Belém fica aquém de todas as cidades brasileiras do seu tamanho, mesmo se comparado com inúmeras cidades de

tipo médio. Belém é, ainda parasitária em relação às extensas zonas do interior. A maioria dos empregados concentra-se na atividade comercial, exportadora e nas repartições públicas. O volume de emprego não acompanha nem de longe o rápido crescimento da população. O deficit de empregos em 1970 atingiu o elevado índice de mais de 58% da mão de obra capaz de trabalhar; agora calcula-se em mais de 60%. A cidade é povoada por uma multidão de sub-empregados, mendigos e indigentes. O índice de criminalidade cresce rapidamente, situando-se entre os maiores do país.

A carência alimentar da maioria da população é flagrante. Produtos essenciais como o leite, açucar, carne, etc., vêm de outros Estados. A carne e o leite são caros e escassos. Com uma produção de 40 mil litros de leite por dia, não se consegue sequer atender às necessidades do mercado consumidor de Belém, estimado em 160 mil litros. Nas estatísticas, a cidade aparece como grande consumidora de leite em pó importado. Enquanto isso, sabe-se que em Paragominas, sul do Pará, há fazendeiros que chegam a usar mil litros de leite por dia para alimentar porcos.

Na educação e na assistência médico hospitalar o quadro é desalentador. Belém tem mais de 40% de analfabetos adultos. No Estado, o índice de matrículas para o ensino primário não atinge 65% da população escolarizável. No ensino secundário o índice é bem menor. No concernente ao aparelhamento de proteção e recuperação da saúde, a situação é das mais críticas. Não são poucos os que morrem à míngua, à margem de qualquer assistência médica.

A todos esses males que atormentam o povo do Pará, submetido a múltiplas formas de exploração e opressão, impedido de usufruir as imensas riquezas da região, só existe uma solução - a derrubada da ditadura militar-fascista, a instauração de um regime de democracia popular. Neste sentido, é cada vez mais profunda a compreensão de amplas camadas do povo. No sul do Estado, na região do Araguaia, os primeiros passos foram dados. Chegará o dia de outros muitos Araguaias.

****